

PARTES DE ÁFRICA (1991): UM MOSAICO COLONIAL

Viviane dos Santos CARDOSO*
Franco Baptista SANDANELLO**

- **RESUMO:** Lançado em 1991, *Partes de África*, primeiro romance do escritor português Helder Macedo (1935-), é um mosaico de narrativas de memórias pessoais e nacionais de um narrador que acompanhou de perto o processo de colonização portuguesa em alguns países da África. O senso de despertencimento e a posição anticolonial com a qual o protagonista, filho e neto de administradores das colônias portuguesas, e a maneira introspectiva, documentária e biográfica de narrar as imbricações e o impacto do projeto colonial português no continente africano demonstram o engajamento histórico, social e crítico da obra. O espaço fronteiriço no qual o narrador passa a infância, mas com o qual não se identifica, além de figurar as divisões que o colonialismo logrou entre os povos, chama-nos a atenção para o impacto que gerou na formação ética e social das civilizações.
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Partes de África*. Helder Macedo. Colonialismo. Pós-colonialidade. Portugal.

Descolonizando a literatura

Os estudos literários sobre africanidades desempenham um papel fundamental na valorização da identidade e da cultura afro-brasileira. A literatura produzida por autores negros ou que tematiza a experiência da negritude resgata memórias e tradições que foram historicamente silenciadas e negligenciadas. Ao estudar essas obras, é possível compreender a importância da ancestralidade, das práticas culturais e da luta por direitos da população negra ao longo da história. Dessa forma, o ensino dessas literaturas contribui para o fortalecimento da identidade

* Mestranda em Estudos de Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos (PPGLit/UFSCar). São Carlos - SP - Brasil. 3565-905. Bolsista CAPES. E-mail: vivianeliteratura@gmail.com .

** Professor da Academia da Força Aérea (AFA). Docente do PPG em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e do PPG em Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Membro do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa. E-mail: francofbs@fab.mil.br .

negra e para a desconstrução de estereótipos raciais criados durante o processo de colonização para justificar o mito da supremacia branca, a exploração e a violência contra os negros.

Por séculos, a história e a literatura a respeito das minorias, sobretudo dos povos colonizados, foram jogadas para debaixo do tapete das artes e da própria academia. Como bem discute Inocência Mata (2014), a desvalorização e pouca visibilidade das literaturas engajadas nas discussões sobre a história e as culturas africanas é fruto da resistência da filosofia eurocêntrica que define o que é canônico e universal. As experiências e narrativas de sujeitos e espaços subalternos (dos que foram colonizados, principalmente) são categorizadas como um saber local e, portanto, como uma produção literária de segundo nível. Esses fatores, somados à ausência dessas literaturas na academia, espaço que deveria ser mais engajado e plural, contribui para que as literaturas africanas e os estudos coloniais ainda sejam pouco conhecidos e discutidos, apesar de sua importância. Deste modo, a inclusão de autores e obras que retratem a experiência e cultura afrodescendente ou colonial permite romper com essa perspectiva eurocêntrica e com o silenciamento individual, social e cultural desses indivíduos que ficaram à margem por séculos.

Ampliando sua discussão desestrutivista sobre as genealogias eurocêntricas, Inocência Mata (2014) aponta como o espaço é um elemento extremamente decisivo no processo de construção de uma narrativa que, assim como o escritor, está inscrita em um tempo e uma realidade social, histórica e cultural, e, por esse motivo, jamais poderá ser encarada como uma produção literária neutra. Assim, a construção da identidade pessoal, social e literária é resultado da fusão e das tensões que se estabelecem entre as nações. No caso das colônias, essa construção identitária é afetada e condicionada pelas imposições culturais dos colonizadores. Reportando-nos à produção literária de Portugal, é importante destacar que a criação do Ministério das Colônias, em 1911, e a imposição do Ato Colonial pela ditadura salazarista, que governou o território português por mais de quarenta anos, consolidou um sistema de dominação e censura que não apenas explorou e subjugou as colônias, mas também reconfigurou as estruturas administrativas, a produção cultural e os meios de comunicação do país e das colônias.

Partes de África (1991), de Helder Macedo (1935-), ao abordar as relações entre Portugal e África a partir do século XX, constrói uma narrativa que oscila entre a memória pessoal e nacional, a real e imaginária. Essa mistura de elementos biográficos, imaginados e documentais torna difícil a distinção do que pertence à realidade e à ficção, tendo em vista que o romance não é narrado de modo linear, mas de acordo com as memórias do protagonista e narrador. O relato, ao mesmo tempo pessoal e histórico, oferece um panorama das complexas relações entre Portugal e as colônias africanas, revelando não apenas as memórias de um indivíduo que não se identifica nem compactua com esse passado colonial (apesar de ser de uma família de colonizadores), mas dos impactos que a colonização provocou na

formação ética, cultural, histórica e econômica desses povos. Para além disso, a narrativa nos chama a atenção para os impactos da colonização na posteridade: o racismo, a discriminação, a violência e o mito da supremacia branca, que são as células do colonialismo na atualidade. Nesse sentido, discutir e dar voz às narrativas engajadas na discussão sobre a colonialidade, a história e a valorização da diversidade cultural e literária sobre os países que foram colonizados é um passo essencial para combater os resquícios que o projeto colonial deixou não apenas no território africano, mas em diversas civilizações no mundo.

Fragmentos de histórias e memórias de um passado colonial

Lançado em 1991, *Partes de África*, primeiro romance de Helder Macedo, narra algumas histórias dos territórios africanos que foram colonizados pelos portugueses. Tal qual um mosaico, a história é costurada por fragmentos das memórias pessoais e das histórias nacionais de alguns países africanos (Moçambique, São Tomé, Guiné, Príncipe etc.) das quais o narrador pôde acompanhar de perto, enquanto filho e neto de administradores das colônias portuguesas nesses territórios. Agora, aos cinquenta anos de idade e em férias sabáticas em Sintra, o narrador revisita suas memórias abstratas e físicas: a casa dos pais, as fotografias da família ainda penduradas nas paredes, os relatórios que seu pai fez sobre as colônias, as “[...] estantes de livros de leis anotados à margem, mapas de África com círculos a cores, outros vestígios da contribuição pública do meu pai a várias partes dessa mesma história” (Macedo, 1999, p. 10). Assim, o autor/narrador constrói essa obra por meio de documentos e de suas reminiscências fragmentárias e afetadas pelo esquecimento ao longo dos anos, mostrando-nos, assim, que “em *Partes de África*, a História sujeita-se à ficção, e a ficção é repleta de marcas históricas” (Dantas, 2011, p. 125).

É precisamente por meio dessas memórias que o narrador constrói de maneira introspectiva, crítica e documentária o passado colonial do qual a sua família fez parte, mas com o qual não se identifica nem compactua. Esse despertecimento não só indica que ele se encontra em um lugar fronteiriço, mas que, segundo Margarida Ribeiro, confere um olhar excêntrico a *Partes de África*, pois “[...] vem de África, mas não se transveste de africano porque é europeu, e que olha para Portugal simultaneamente do centro e da periferia africana em que se formou” (Ribeiro, 2002, p. 69). Sendo assim, o pai do narrador, que figura as últimas gerações do império colonial português,

[...] emerge como uma referência moral de retidão, mas também de ressentida discordância entre o passado e a lei, que o pai representa, e a geração do narrador, que assiste ao crepúsculo do império e que se rebela contra a lei. Aí se encontram os binômios pai/ pátria, colonizador/colonizado, opressor/oprimido em que se estruturaram os mundos questionados ao longo da narração na procura de um

terceiro termo que resolve a incomunicabilidade - do filho e do pai, metáfora da incomunicabilidade entre os mundos divididos em binômios que se excluem (Ribeiro, 2002, p. 67).

Uma das características do narrador que mais chama atenção é justamente a sua posição anticolonialista, que se reflete num sentimento de distanciamento e despertamento. Durante toda a narrativa, vê-se que ele busca refletir sobre as distâncias e divisões que o colonialismo cria entre as nações. Nessa busca de sentido, é possível perceber que a personagem se sente deslocada e não pertencente a nenhum desses espaços e culturas que se chocam e se fundem no processo de colonização. Ao criar um narrador que fica nesse espaço fronteiriço e encontra-se deslocado da realidade, Helder Macedo acaba chamando a atenção dos leitores para o impacto que a colonização deixou nas gerações subsequentes. Ao pensarmos o narrador como um indivíduo deslocado por se encontrar em um espaço limítrofe, é importante destacar que esse sentimento de despertamento nos indivíduos escravizados é potencializado inúmeras vezes, pois diferente do narrador, os escravizados, além da privação da liberdade, do trabalho forçado e das inúmeras violências das quais eles eram vítimas, eles ainda sofriam com a imposição de uma cultura estrangeira sobre a sua.

Na condição de filho e neto de administradores das colônias, o narrador não só ouviu, mas conheceu de perto a realidade de vários territórios africanos colonizados por Portugal. Para além do território e da cultura africana, as histórias desses espaços se constroem e se aproximam sob o mesmo estigma: a colonização europeia. Ao discutir sobre as estratégias que os colonizadores se utilizam para subjugar e dominar uma população, Frantz Fanon (2020) diz que a imposição do idioma é umas dessas primeiras estratégias. Segundo ele, a partir do momento em que os colonizadores chegam a um território e lhe impõe um novo idioma, criam-se dois grandes problemas: o apagamento da cultura local e o complexo de inferioridade aos povos nativos. O complexo de inferioridade que o discurso colonial dissemina se embasa num critério epidérmico que vem a ser uma das principais ferramentas utilizadas para justificar o preconceito racial e o mito da supremacia branca. Além da imposição de uma nova língua em face do idioma nativo, o apagamento cultural se dá principalmente pela imposição de costumes e hábitos:

Há que vestir o indígena... Há principalmente que instruir e educar o indígena, não para ser passivamente um animal que serve o dono mas [sic] para ser um colaborador prestimoso do branco, tão homem como ele, mais capaz do que ele, na ardida terra africana, de produzir riqueza (Macedo, 1999, p. 26).

Mais do que vestir, instruir e educar o indígena, vemos não só a imposição cultural, mas o exercício do poder, do complexo de superioridade e da inferiorização

desses indivíduos e de suas respectivas culturas. Esse complexo de inferioridade e o mito da supremacia branca são criados e sustentados pelos estereótipos coloniais. Portanto, o discurso colonial, segundo Homi Bhabha (2013), tem por objetivo disseminar a figura do colonizado como um indivíduo sensual, viril e degenerado para justificar o mito da supremacia branca, a exploração e a violência contra os negros ou nativos. Reportando-nos a *Partes de África*, é possível perceber que os negros e indígenas, além de serem estereotipados, são demonizados: “[...] os pretos eram a carne feia de Babel contra a qual era necessário prevalecer com disciplina crua, fazendo neles as mesmas nódoas que a carne fazia na alma. A prova é que já tinham nascido com a cor das nódoas negras” (Macedo, 1999, p. 32).

Além dessa demonização, vê-se que o retrato da figura feminina negra também é sempre associado ao estereótipo da beleza e sensualidade, como havia pontuado Fanon (2020): “A causa do acontecimento foi o feitio de tio Pedro. Andava de amores com ‘uma linda canarim, sabida como todas da sua raça, mas muito clara’, que o trazia embeijado e não dava nada sem casar” (Macedo, 1999, p. 23).

Ainda a respeito dos estereótipos, *Partes de África* figura outras formas pelas quais os estereótipos classificam, excluem ou colocam os negros sempre em posição de desvantagem ou servidão: “Veio a ser diretor dos Serviços de Saúde e, **pequeno obreiro do destino, preteriu a favor de um protegido branco** o enfermeiro negro que tinha ficado em primeiro lugar no concurso para promoções” (Macedo, 1999, p. 14, grifos nossos). Como visto, os estereótipos na formação ética e cultural das civilizações não só alimentam o preconceito, a discriminação e a violência, mas a exclusão social e política, impedindo-os ou dificultando a ascensão e representatividade dos negros em todos os espaços sociais, sejam eles públicos sejam privados. Deste modo, a supremacia branca se configura não como o pequeno obreiro, mas como o engenheiro que comandava toda a construção do futuro dos negros ou nativos durante e após a colonização.

Ao discutir sobre a discriminação, Bhabha (2013) diz que é a negação das diferenças raciais e culturais que faz surgir a discriminação nas civilizações, e que as divisões entre elas é fruto do mito da supremacia branca, criado e disseminado pelos estereótipos. Além do complexo de superioridade, é a violência física e psicológica que fez com que os colonizadores nunca se sentissem em uma posição de inferioridade ou de ameaça, mesmo estando em menor quantidade, como discute o Fanon (2020). Foi justamente os castigos físicos e o genocídio indígena e de negros nas colônias espalhadas pelo mundo que garantiu a segurança dos brancos nas colônias. Em *Partes de África*, sobretudo no décimo capítulo que será explorado adiante, Helder Macedo retrata a violência física e a tortura psicológica que alimentam e protegem a supremacia branca de quaisquer perigos, ameaças ou sentimento de inferioridade.

Ao discutir a respeito do processo de colonização, Alfredo Bosi (1992) faz a distinção entre dois termos importantes: *condição* e *sistema*. O primeiro termo

abrange os elementos que fazem parte do cotidiano das pessoas e consequentemente das suas identidades, isto é, o modo de trabalhar, acreditar, viver e se organizar socialmente. No que se refere ao *sistema*, o sociólogo diz que o termo corresponde a um esquema que se articula de modo extremamente objetivo. Pensando nas discussões a respeito de *Partes de África*, podemos dizer que a colonização é a figuração total do que vem a ser um *sistema* articulado objetivamente, mas, claro, com os propósitos de subjugação e exploração. Se o estereótipo foi a forma de coerção psicológica, o *sistema* foi a forma de coerção física dos escravizados. *Partes de África*, assim como outros romances que tocam na pauta colonial, retrata algumas formas de coerção física e psicológica nas quais os povos colonizados foram submetidos.

Após a abolição da escravatura, o sistema de exploração e castigo é reconfigurado para um esquema de coerção e subsistência mínima, disfarçado de liberdade e autonomia dos trabalhadores. Ao discutir sobre o sistema *colonato*, muito difundido nas fazendas de café, entre os séculos XIX-XX no Brasil, Martins (2010) demonstra como o projeto escravagista é reformulado e passa a funcionar à base do endividamento¹. Essa nova forma de exploração se dá por meio da concessão de terras: os fazendeiros permitiam que os trabalhadores plantassem os alimentos necessários para o consumo próprio entre as filas dos pés de café, e em troca os trabalhadores cuidariam do cafezal do início ao fim. Além de dobrar a jornada laboral, tendo em vista que os trabalhadores tinham de cuidar do cafezal e da própria roça, essa jornada só lhes oferecia o mínimo para a sobrevivência. A cultura de subsistência passou a ser o novo sistema de funcionamento das fazendas após a abolição. No romance de Helder Macedo, as realidades das colônias africanas representadas não eram tão diferentes:

Aos domingos distribuía ligaduras e tintura de iodo aos trabalhadores, que lhe agradeciam, em fila, com muitas vénias. E também era muito estimado por deixar as crianças com menos de dez anos trabalharem ao lado dos pais em troca de alimentação gratuita (Macedo, 1999, p. 65).

Além da cultura de subsistência, o medo e o terrorismo psicológico foram alguns dos meios utilizados para a coerção física e psicológica dos sujeitos marginalizados. Ao ressignificar o sentido da palavra amor, Bell Hooks (2021)

¹ O endividamento consistia em recrutar trabalhadores de cidades distintas com o objetivo de endividá-los ao custear os gastos desses operários com o transporte, a alimentação e a estada dos primeiros dias, além das ferramentas para o trabalho nas plantações. Com o custeio dessas despesas, a juros altíssimos, os trabalhadores já se tornavam cativos dos fazendeiros antes mesmo de começarem os trabalhos. O débito não só impedia que os trabalhadores deixassem as fazendas, como era acordado entre os fazendeiros que não aceitassem ninguém que possuísse débitos com seus ex-patrões, a não ser que o fazendeiro comprasse a dívida do trabalhador que passaria agora a ser seu cativo.

propõe o amor como uma força revolucionadora capaz de desmontar as estruturas hierárquicas que tanto oprimem, subjugam e violentam os que estão às margens. Para ela, o amor e o desejo pelo poder não conseguem ocupar o mesmo espaço. A presença de um automaticamente anula a do outro. Esse ponto é bastante interessante à nossa discussão, pois as relações coloniais se baseiam no desejo de dominação, do exercício do poder e do cultivo do medo: “Culturas de dominação se apoiam no cultivo do medo como forma de garantir obediência [...] O medo é a força primária que mantém as estruturas de dominação. Ele promove o desejo de separação, o desejo de não ser conhecido” (Hooks, 2021, p. 129). A cultura do medo é, portanto, um dos principais artifícios para a coerção psicológica e, claro, para a subjugação e exploração física durante e após a colonização.

No décimo capítulo de *Partes de África*, o narrador faz a leitura de um dos relatórios do seu pai, a respeito de um incidente em umas das colônias. O referido relatório conta a tentativa de insubordinação dos indígenas na colônia da Guiné, a fim de reivindicar “[...] a abolição imediata [...] Exigiam também que a palmatória em uso no Posto fosse queimada imediatamente” (Macedo, 1999, p. 84). Para dar fim a essa tentativa de insubordinação, o administrador, pai do narrador, determinou uma série de castigos aos indivíduos envolvidos ou, como diz Bell Hooks (2021), disseminou a cultura do medo e do terrorismo psicológico sob as formas de ameaças e castigos físicos. A disseminação do medo começou com a ordem de que todos os envolvidos na insubordinação se apresentassem até às 20 horas em frente ao Posto para devolver as facas e todos os tipos de armas que possuíssem, pois, se não fizessem isso até esse horário, ele mesmo iria incendiar a tabanca de um dos líderes, “[...] além de outros castigos severos que seriam aplicados a todos” (Macedo, 1999, p. 87).

Além de ordenar que todos os envolvidos fossem castigados e que os cinco principais envolvidos na insubordinação fossem transferidos para as colônias de São Tomé e Príncipe, o administrador, como forma de reafirmar seu complexo de superioridade, de chefe e de relembrar o poder e a hierarquia criados pelos próprios colonizadores, ordenou que os castigos fossem aplicados pelos gerentes dos Postos coloniais:

Determinei que esta punição fosse executada pelos próprios grandes da terra, sob a orientação do grande chefe e dos régulos, **de modo a permitir-lhes reafirmar sua autoridade sobre toda a população da tribo**. Como desprestígio perante a gente das terras, este castigo é profundamente sentido pelos mancebos, e perdurará no seu espírito para sempre (Macedo, 1999, p. 89-90, grifos nossos).

Além dos castigos físico e moral e do terrorismo psicológico, é interessante pontuar que, mesmo esses indivíduos estando em um espaço de subserviência, exploração e violências pelos colonizadores, e essa insubordinação sendo somente

uma reivindicação pelo fim dos castigos físicos, eles são figurados como perigosos não só aos administradores das colônias, mas também à população branca: “Ambos exprimiram a convicção de que, sem uma intervenção militar, não só o Chefe de Posto como toda população branca da região estaria em perigo de vida” (Macedo, 1999, p. 85).

Antes de narrar esse incidente registrado no relatório de seu pai, o narrador confessa ter mudado os nomes dos indivíduos e dos lugares onde aconteceu os fatos. Ao mudar os nomes dos sujeitos, dos lugares e das datas em que se deram os acontecimentos, Roberto Ribeiro diz que “O texto atará as pontas do real com o irreal; da história com a literatura, transformando o discurso histórico em discurso ficcional” (2007, p. 55). Neste sentido, Gregório Dantas diz que o fato de o narrador não definir sua obra como autobiográfica nem como um romance, permite ao narrador “[...] abarcar discursos de diferentes naturezas e a manipular à vontade gêneros diversos como a autobiografia, o teatro, a poesia, o ensaio, sem, contudo, se comprometer com a verdade ou com a especificidade desses discursos” (2011, p. 120). Assim,

HM vai desmanchando, aos poucos, a determinação que, porventura, algum leitor tenha de que o que está lendo se trata de uma realidade baseada em fatos. A realidade, os fatos, com certeza, fazem parte da narrativa, mas estão estilhaçados, como a própria estrutura do texto, pelo campo aberto da ficção. Alguns fatos históricos podem estar narrados como em um outro local, com uma outra data, do que o original, por exemplo (Ribeiro, 2007, p. 57).

Todos os relatos e as revoltas contadas pelo narrador mostram ainda mais como ele se constrói como uma figura dissidente no seu contexto de origem e criação. Sua identidade puramente intelectual e analítica se resume não só pelo gosto às artes (literatura, ópera e cinema) que se entrelaçam com o seu mosaico narrativo, mas por sua posição antissalazarista, regime autoritário que governou Portugal por mais de quarenta anos. Vários são os momentos em que ele faz menção ao dia 25 de abril, data em que militares se juntam e derrubam o governo de António de Oliveira Salazar, conhecida como a Revolução dos Cravos. Como todo governo ditatorial, o salazarismo possuía uma visão de governo extremamente conservadora, patriótica e de grande repressão e censura, sobretudo à imprensa e aos opositores políticos.

O engajamento político e social da obra não se limita a mostrar algumas facetas do colonialismo e do salazarismo no século XX, mas também demonstra que, apesar de regimes ditatoriais como o salazarismo, o nazismo na Alemanha ou o fascismo de Mussolini na Itália terem sido extintos, suas ideologias ainda continuam sendo disseminadas por toda parte. Ao discutir sobre a independência de Moçambique, Helder mostra como os meios de comunicação ainda continuavam

vinculados aos regimes e como o preconceito e a supremacia branca continuavam sendo disseminados por aqueles que possuíam voz socialmente:

Depois da independência de Moçambique, um jornal que estava a querer agradar ao novo regime publicou a fotografia dum camponês apatetado, parecido com o pastor da Serra do Reboredo. E a legenda, por baixo: “Foram estes os nossos colonizadores.” Certamente que o jornalista responsável os teria preferido mais desencardidos e luzidios, à inglesa, daqueles que vão lavar as mãos depois de responderem com um aceno distante a um “bom dia patrão”. O jornalista era tão branco quanto um português pode ser [sic] mas, reciclando a filosofia imperial do capitão Teófilo Duarte, achava que era necessário saber quem é branco e quem é preto e quem manda em quem, só que desta vez ao contrário (Macedo, 1999, p. 66).

Em *Pode o subalterno falar?* (2010), Gayatri Spivak aponta nos sujeitos subalternos aqueles que têm suas vozes silenciadas, sendo essencial criar espaços e oportunidades para que esses indivíduos possam se expressar e serem ouvidos socialmente, pois como diz Fanon (2020), falar é existir. Assim, ao figurar uma imprensa aliada ao novo regime, e terminar o romance em aberto, Helder Macedo não só demonstra que os ideais colonialistas continuam em voga, como mostra que a luta pela voz, pelos espaços e pela representatividade das pessoas negras e subalternizadas é árdua e precisa estar simultaneamente em todas os espaços e esferas sociais.

Considerações finais

Partes de África é um mosaico contemporâneo que reflete várias facetas da história portuguesa e de sua colonização em alguns países da África. A ascensão e o declínio do império português revelam ao leitor os impactos que a colonização logrou na história das civilizações que passaram a se organizar por meio desse fenômeno capital que não se deu em via úncia, como bem discute Ribeiro (2002). O despertamento com o qual o protagonista, filho e neto de administradores das colônias, narra as imbricações e o impacto do projeto dito civilizatório, demonstra o engajamento histórico, social e crítico com o qual a obra se compromete. A cada peça desse mosaico, Helder Macedo vai demonstrando os impactos e as consequências da colonização. A ideia de um mosaico contemporâneo se manifesta na justaposição de narrativas que ora se complementam, ora se contradizem, evidenciando a complexidade de um passado ainda não consumado e que se faz presente constantemente. A estrutura fragmentária do romance traduz, assim, o descompasso entre a história oficial e as histórias pessoais, expondo as camadas de violência e o silenciamento, que marcam os discursos sobre a colonização.

O romance se apresenta como um testemunho histórico e literário da complexidade das relações entre Portugal e suas ex-colônias, bem como das feridas abertas que persistem na contemporaneidade. Ao construir um enredo que entrelaça memórias, documentos históricos e ficção, Helder Macedo oferece ao leitor um olhar multifacetado sobre as implicações do colonialismo e suas reverberações na formação das identidades individuais e coletivas dos sujeitos. Dessa forma, a narrativa não apenas reconstrói o passado, mas também indica a urgência de uma revisão crítica do presente. Ao trazer à tona as sequelas do colonialismo, o autor evidencia a necessidade de repensar os legados coloniais e convida à reflexão sobre a responsabilidade histórica e a necessidade da construção de um futuro mais equitativo e ético.

Ao falar de ética, o romance de Helder figura, como diz Bell Hooks (2021), a ética de vida do desamor, pois uma cultura amorosa não permite a violência, a subjugação e o desejo de poder e hierarquia, ou seja, uma ética de vida amorosa não compactua com os alicerces e as diretrizes coloniais. Neste sentido, vemos que os resquícios coloniais que sobrevivem sob as formas da discriminação, do preconceito, da exclusão e das violências só vão ser combatidas por meio de uma ética de vida social que seja pautada no amor. Assim, a leitura de *Partes de África* nos possibilita compreender algumas das complexidades das relações pós-coloniais e dos desafios que elas impõem à sociedade contemporânea. O romance não apenas expõe as faláciais do discurso civilizacional colonizador, mas também propõe uma revisão dos paradigmas que sustentam as desigualdades sociais e culturais até hoje. Assim, reafirma-se sua relevância enquanto obra literária e histórica, contribuindo para a construção de um pensamento crítico e comprometido com a justiça social.

CARDOSO, V. S. SANDANELLO, F. B. *Parts of Africa* (1991): a colonial mosaic. *Itinerários*, Araraquara, n. 60, p. 153-163, jan./jun. 2025.

■ **ABSTRACT:** Published in 1991, *Parts of Africa*, the first novel by the Portuguese writer Helder Macedo (1935-), is a mosaic of narratives of personal and national memories by a narrator who closely followed the process of Portuguese colonization in some African countries. The sense of lack of belonging and the anti-colonial position with which the protagonist, son and grandson of administrators of the Portuguese colonies, and the introspective, documentary and biographical way of narrating the imbrications and impact of the Portuguese colonial project on the African continent demonstrate the historical, social and critical engagement with which the work is committed. The border space in which the narrator spends his childhood but does not identify himself, in addition to representing the divisions that colonialism created between people, draws our attention to the impact it had on the ethical and social formation of civilizations.

■ **KEYWORDS:** *Parts of Africa*. Helder Macedo. Colonialism. Post-coloniality. Portugal.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi Kharshedji. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BOSI, Alfredo. Cultura brasileira e culturas brasileiras. In: BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 308-345.
- DANTAS, Gregório Foganholi. Mosaicos espelhados: uma leitura de *Partes de África*, de Helder Macedo. **Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas**, n. 16, p. 103-128, 2011.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo, Elefante, 2021
- MACEDO, Helder. **Partes de África**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- MARTINS, José de Souza. **O cativeiro da terra**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas. **Civitas**. Porto Alegre, v. 14, p. 27-42, 2014.
- SANTANA, Caio. Um Brasil de 154 línguas. **Jornal da USP**, São Paulo, 10 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/um-brasil-de-154-linguas/>. Acesso em 01 de fevereiro de 2025.
- RIBEIRO, Margarida Calafate. Parte de nós: uma leitura de Partes de África. In: Teresa Cristina Cerdeira. (org). **A experiência das fronteiras leituras da obra de Helder Macedo**. Niterói, RJ: EdUFF, 2002.
- RIBEIRO, Roberto Carlos. Sujeito, memória e história em *Partes de África*, de Helder Macedo. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 52, p. 54-61, 2007.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

